



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CENTRO INTEGRADO DE AULAS
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

KÉSIA KALINNE COSTA VIEIRA

**LEITURA E LUDICIDADE: ANALISANDO PRÁTICAS DE LEITURA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA CRECHE DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
CAMPINA GRANDE/PB**

**CAMPINA GRANDE
2019**

KÉSIA KALINNE COSTA VIEIRA

**LEITURA E LUDICIDADE: ANALISANDO PRÁTICAS DE LEITURA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA CRECHE DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
CAMPINA GRANDE/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V6571 Vieira, Kesia Kalinne Costa.
Leitura e ludicidade [manuscrito] : analisando práticas de leitura na educação infantil em uma creche da rede municipal de ensino de Campina Grande / Kesia Kalinne Costa Vieira. - 2019.
42 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Valdecy Margarida da Silva , Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."
1. Educação infantil. 2. Leitura. 3. Ludicidade. I. Título
21. ed. CDD 372.4

KÉSIA KALINNE COSTA VIEIRA

**LEITURA E LUDICIDADE: ANALISANDO PRÁTICAS DE LEITURA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA CRECHE DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
CAMPINA GRANDE/PB**

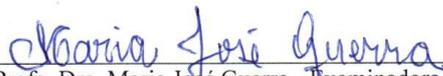
Artigo apresentado ao Programa de Graduação
em Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 15/06/2019 .

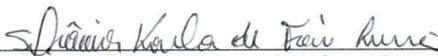
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria José Guerra - Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Silvânia Karla de Farias Lima - Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, meu esteio, pelo apoio incondicional,
incentivo e suporte durante todo tempo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno e Soberano Deus tributo toda honra, glória e louvor pelo dom da vida, pela Graça derramada diariamente, por me inspirar, me capacitar, me dirigir, me guardar, me conceder saúde plena e conhecimento pois Ele é a fonte inesgotável de toda sabedoria. Glória, exaltação e louvor ao teu Reino, eternamente!

Aos meus pais, Vieira e Odete, que são responsáveis pela pessoa e profissional que me tornei, por serem exemplo de luta e superação, por todo apoio, incentivo e ajuda em todo tempo sempre viabilizando e sendo intercessores deste projeto, torcendo e lutando junto comigo, meu reconhecimento e gratidão. Amo vocês!

Ao meu amado esposo, Jânio, companheiro, incentivador, motivador e torcedor particular. Sua preocupação, suas orações e toda ajuda dispensadas foram determinantes para me motivar nos dias de desânimo. Teu amor, teu cuidado e teu carinho foram como bálsamo nos dias difíceis. Obrigada por me compreender e abraçar comigo este trabalho. Amo tudo em você!

À Karoline, filha linda e amada. Você não tem ideia do quanto senti-me culpada por negligenciar atenção devida a você, ao longo destes anos. No entanto, desde o ventre que te tornaste o motivo pelo qual tracei planos novos para nossas vidas, a exemplo desta graduação. Obrigada por me compreender e por ser esta filha tão linda e amável. Você é o meu maior tesouro e o amor mais lindo que ganhei. Amo você, incondicionalmente!

À queridíssima e estimada professora Valdecy Margarida, por me receber calorosamente em seu grupo, por seu humor incomparável, por todo incentivo, por toda direção no aporte teórico, por toda disponibilidade, carinho e profissionalismo. Obrigada pelo engajamento, companheirismo e atenção dispensados, além da paciência e por não desistir de mim. É um prazer ser sua orientanda. Obrigadíssima por tudo.

Aos nobres professores do Curso de Pedagogia do PARFOR, que contribuíram ao longo destes meses, através das disciplinas e aulas ministradas, dos debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Finalmente, aos colegas de turma, companheiros aguerridos que foram inspiração e motivação por tanta obstinação em busca deste diploma, em especial, àqueles que saíam de municípios ou povoados longínquos, deixando suas famílias e casas ainda de madrugada para serem pontuais na sala de aula. Vocês merecem este diploma mais do que

eu! Foi uma honra compartilhar dias, aulas, conhecimentos, experiências, angústias, entre outras coisas, ao longo desta graduação com vocês.

“Uma história infantil que só pode ser apreciada por crianças não é uma boa história infantil.” (C.S. Lewis)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1	O Currículo na Educação Infantil.....	10
2.2	A Criança e suas múltiplas linguagens:.....	11
2.3	Concepção de Criança: A criança como centro da vivência na Educação Infantil.....	12
2.4	Concepções sobre o Currículo e sua constituição.....	12
2.5	Considerações acerca do Planejamento: O Planejamento como espinha dorsal da prática docente.....	15
2.6	Leitura e Ludicidade: Práticas de Leitura na Educação Infantil.....	16
3	DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E DOS PROCEDIMENTOS.....	17
4	O COTIDIANO DAS SALAS INFANTIS: Vivenciando a rotina numa sala da Educação Infantil.....	18
4.1	Análise da sequência de atividades.....	28
4.2	Relato da Proposta Pedagógica vivenciada na Creche.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS	39

LEITURA E LUDICIDADE: ANALISANDO PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA CRECHE DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPINA GRANDE/PB

Késia Kalinne Costa Vieira*

RESUMO

O presente trabalho é resultado da experiência de estágio supervisionado II na Educação Infantil, vivenciado na Creche Municipal Nenzinha Cunha Lima, situada em Campina Grande, -PB, na turma de Maternal II, desenvolvido com o intuito de analisarmos como se constitui e como estão organizadas as práticas de leitura na sala de educação infantil. Além disso, objetivamos desenvolver uma relação de prazer entre a criança e o livro, observando que muitas práticas pedagógicas na Educação Infantil utilizam a leitura literária com leituras mecânicas, conteudistas, moralizantes entre outras ações escolarizantes desconsiderando a criança em suas múltiplas linguagens. Neste sentido, existe uma urgente necessidade de os professores, mediadores deste processo, ressignificarem suas práticas docentes a fim de possibilitarem vivências que favoreçam o desenvolvimento integral da criança e suas maneiras peculiares de sentir, ver e perceber o mundo. Nossa pesquisa está subjacente às teorias de Borba (2007), Vygotsky(1989), Santos(2013), Vasconcelos(2004), dentre outros autores que contribuem relevantemente para fundamentação deste trabalho a exemplo de Brandão, Melo e Mota (2009), que diz que devemos aproximar o livro o máximo possível da ludicidade que se instala nas brincadeiras a fim de que a criança possa tecer suas leituras de modo que possa fruir, nutrindo seu imaginário, ressignificando suas práticas e ações sociais, favorecendo a formação e maturação de sua identidade. Assim, durante este processo, concluímos o quão complexo e dinâmico é o trabalho numa sala de aula de educação infantil ao buscarmos despertar o gosto pela leitura prazerosa, numa perspectiva lúdica, instrumentalizando o pensamento, a fantasia do imaginário infantil na relação com o mundo literário bem como necessário se faz possibilitar às crianças que possam tecer suas leituras e ressignificar suas práticas sociais a partir das múltiplas linguagens.

Palavras-Chave: Leitura, Educação Infantil, Ludicidade.

LEITURA E LUDICIDADE: ANALISANDO PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA CRECHE DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPINA GRANDE/PB

RESUMEN

Este trabajo es resultado de la experiencia de estagio supervisionado II en la Educación Infantil, vivenciado en la Guardería Municipal Nenzinha Cunha Lima, ubicada en Campina Grande - PB, en la turma de Maternal II, desarrollado con el intuito de analizar como se constituye y como están organizadas las prácticas de lectura en la clase de educación infantil. Además de eso, objetivamos desarrollar una relación de placer entre el niño y el libro,

* Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: kesiakalinne@gmail.com

observando que muchas prácticas pedagógicas en la Educación Infantil utilizan la lectura literaria con lecturas mecánicas, centradas en contenidos, moralizantes entre otras acciones “escolarizantes” desconsiderando el niño en sus múltiples lenguajes. En este sentido, existe una necesidad urgente de los profesores, mediadores de este proceso, cambiaren sus prácticas docentes a fin de posibilitar vivencias que favorezcan el desarrollo integral del niño y sus maneras peculiares de sentir, ver y percibir el mundo. Nuestra pesquisa está subyacente a las teorías de Borba (2007), Vygotsky(1989), Santos(2013), Vasconcelos (2004), entre otros autores que contribuyen relevantemente para fundamentación de este trabajo a ejemplo de Brandão, Melo e Mota (2009), que dice que debemos aproximar el libro el máximo posible de la ludicidad que se instala en los juegos a fin de que el niño pueda tejer sus lecturas de modo que pueda fruir, nutriendo su imaginário, cambiando sus prácticas y acciones sociales, favoreciendo la formación y maduración de su identidad. Así, durante este proceso, concluimos cuan complejo y dinamico es el trabajo en una clase de educación infantil al buscarnos despertar el deseo por la lectura placentera, en una perspectiva lúdica, instrumentalizando el pensamiento, la fantasía del imaginário infantil en la relación con el mundo literário así como necesario se hace posibilitar a los niños que puedan tejer sus lecturas y cambiar sus prácticas sociales a partir de los múltiples lenguajes.

Palabras-Clave: Lectura, Educación Infantil, Ludicidad.

1 INTRODUÇÃO

Em um rápido olhar para as rotinas das salas de educação infantil é comum encontrarmos espaços e práticas que revelam uma educação adultocêntrica, com rotinas rígidas, secas, uniformes e que negam aquilo que está posto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009) - DCNEI, em seu artigo 9º, que os eixos estruturantes das práticas pedagógicas desta etapa da Educação Básica são as interações e brincadeiras através das quais as crianças devem ser expostas a situações de aprendizagens onde possam construir conhecimentos por meio de suas ações e interações entre seus pares e com os adultos. São exemplos destas práticas estanques, situações em que crianças bem pequenas realizam atividades de cobrir pontilhados ou mesmo apresentam-se silenciosas, inertes numa sala de aula, diante de um professor que lê uma história de forma mecânica e fria solicitando posteriormente que a turma diga o nome da história e faça uma “bela pintura” ou “ilustração” dando por encerrado o momento denominado de ‘hora da leitura’ ou outra nomenclatura que remeta à vivência com leitura.

Diante deste tipo de situação, fica notório que a concepção de criança e de leitura vigentes, não favorecem a formação do sujeito tão pouco de um leitor proficiente, alvo de nossa discussão. Ao contrário, este tipo experiência é responsável por desencadear aspectos negativos, frustrantes, acarretando traumas indeléveis na relação deste sujeito com o livro e

com a leitura. Assim, é indiscutível o papel do professor na mediação destes momentos a fim de possibilitar e favorecer experiências exitosas na formação e na relação das crianças com a leitura e o livro, de tal forma que, o livro e a leitura sejam vistos pelas crianças como brinquedos através dos quais sejam atraídos para diversão e encantamento. Para possibilitar isso, é importante ressaltar que os docentes devem ter em mente que a criança deve ser vista como um ser completo, sujeito ativo e o professor como mediador destas práticas, deve refletir e perceber que é possível e necessário proporcionar espaços lúdicos que atendam às necessidades que povoam o universo infantil, que sejam desprendidas de ações escolarizantes, momentos estanques ou moralizantes estabelecendo prazer entre a criança e o livro e possibilitando vivências que favoreçam o desenvolvimento integral da criança e suas maneiras peculiares de sentir, ver e perceber o mundo.

Além disso, nutrir o imaginário infantil, ressignificando suas práticas e seus papéis sociais, favorecendo a formação e maturação de sua identidade, pois é pela leitura que o sujeito constrói, desconstrói, reconstrói conceitos relevantes para sua formação enquanto ser humano, ampliando sua visão de mundo e sua capacidade comunicativa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Currículo na Educação Infantil: A Criança e suas múltiplas Linguagens

Considerando a infância como o lugar histórico onde se produz cultura e conhecimento e ao se ter em mente que as instituições de educação infantil constituem-se em um dos espaços responsáveis por possibilitar isto, faz-se necessário refletir sobre o quê ofertar e como selecionar experiências exitosas e significantes para estas crianças. Diante de tal problemática, é preciso considerar ainda que o cuidar e o educar devem ser práticas indissociáveis, assim como referenciam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (2009), e que uma reflete a outra, de modo que, o ato da criança alimentar-se, vestir-se, lavar-se, controlar o corpo, e os movimentos, brincar, entre outras ações, refletem suas práticas sociais e são produtos culturais ressignificados. Nessa perspectiva, estes atos não são aleatórios, ou ações vazias de significados, mas envolvem emoção, desejo, corpo, pensamentos e linguagens outras. Isso ocorre porque desde cedo, as crianças utilizam diversas formas de linguagens para estabelecer interações com o outro e continuam a produzir diversas

formas de linguagens que devem ser sistematizadas e oportunizadas nos currículos e nas propostas pedagógicas direcionadas à educação infantil.

Nesse sentido, o conceito de linguagem aqui concebido, não está limitado apenas ao sentido de linguagem verbal, oral ou escrita, mas no sentido amplo de compartilhar sentidos e comunicar significados. Assim, o currículo deve proporcionar experiências para que as crianças interajam e transitem com segurança e autonomia, construindo sua identidade social considerando os aspectos cognitivos, motores, socioculturais e afetivos. Consoante a isso, as DCNEI (2009), apontam princípios que devem nortear a elaboração de propostas pedagógicas denominados princípios éticos, políticos e estéticos. No conjunto de tais princípios, verifica-se que a criança passa a ser vista não apenas em seus múltiplos aspectos de desenvolvimento, mas como cidadã que tem garantido o direito a uma prática pedagógica recheada de diferentes conteúdos, que se evidenciam em diversas situações e atividades, oportunizando-a a experiências significativas ao seu desenvolvimento e ao seu tempo de ser criança.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2016), seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento devem ser assegurados nas práticas pedagógicas da educação infantil, a saber: Os direitos de Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se de modo que a criança se aproprie do conhecimento por meio de ações e interações planejadas. Dito isso, é importante verificar que apesar de tais princípios e direitos de aprendizagem nortear as práticas pedagógicas vigentes, é comum nos depararmos com práticas que apresentam atividades mecânicas, descontextualizadas, insignificantes, adultocêntricas, que se apresentam sob rotinas rígidas, uniformes desconsiderando a singularidade da criança e que cerceiam o espaço das escolhas.

No entanto, parte do trabalho do educador consiste em selecionar, organizar, planejar, refletir e mediar o conjunto das práticas e interações garantindo a diversidade de vivências que promovam o desenvolvimento pleno da criança em suas múltiplas linguagens – visão, estética, ótica, ética – conforme Brandão, Melo e Mota (2009).

2.2 Concepção de criança: A criança como centro das vivências na Educação Infantil

Com o surgimento da infância foi concebida uma nova visão sobre a criança e suas peculiaridades, com seu modo de ser estar no mundo, como sendo diferentes das condições dos adultos. Nesse novo contexto, muda-se o olhar sobre a criança e ela passa a ocupar um lugar de direito antes negado. Apesar disso, tal mudança não assegurou que, em muitos

contextos, a criança ainda continuasse invisível aos olhos dos adultos. Segundo Borba (2007), “o lugar em que a criança passou a ser colocada foi o da incompetência, i-maturidade, i-racionalidade, o lugar da ausência, do vazio que precisa ser completado...”. Sob esta ótica, a criança é vista como um ser passivo e incapaz de agir, pensar e refletir sobre suas ações, dependendo da ação de outrem para vir a ser. Para a autora, uma forma de retirar as crianças dessa condição invisível, é considerar os seus modos próprios de ver, ser, e estar no mundo como agentes da própria cultura.

Deste modo, a concepção de criança que norteia nossas ações neste estágio, estão embasadas no Artigo 4º das DCNEI que definem a criança como: Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona, e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL,2009).

Pensar a criança como Sujeito histórico e de direitos, pressupõe que deve-se ter em mente um ser completo, sujeito ativo e o professor de educação infantil como mediador dos processos de aprendizagens, deve refletir sobre a necessidade de proporcionar situações e vivências em que a criança seja protagonista de suas ações, interagindo em suas formas próprias de expressão e socialização produzindo e reproduzindo cultura, divergindo de alguns modelos de educação infantil onde o professor ocupa o lugar de destaque e se pressupõe a criança como receptora de informações, desprovida de potencial, incapaz de produzir conhecimento e intervir conscientemente em seu mundo. Portanto, faz-se necessário pensar numa práxis que privilegie e dê visibilidade à criança considerando-a como ser singular, interativo e dinâmico e que se desenvolve por meio dos contextos culturais nos quais se insere.

2.3 Concepções sobre o Currículo e sua constituição

Considerando a constituição e construção do currículo, tomemos por base a concepção de Berticelli (2013), que parte do pressuposto que currículo é *construção* e, portanto, as várias formas de se conceber currículo, obedecem às discursividades diferentes que resultam de intencionalidades diversas que por sua vez incidem em diferentes modos de se entender e se produzir currículo. Assim, o autor é categórico ao afirmar que currículo é lugar de escolhas, inclusões e exclusões que nem sempre é da vontade de um sujeito, mas é resultado da imposição arbitrária de um ato discursivo.

Além disso, o autor ainda examina o currículo como instrumento prescritivo, situando-o num contexto social, bem como busca-se entender como foi a inserção e a abordagem destas concepções noutros países para finalmente tentar elencar e compreender às questões que paralelamente acompanharam este fenômeno no Brasil. Inicialmente, o autor chama a atenção para o fato de que desde o surgimento e a primeira aparição do vocábulo *currículo* até a concepção vigente, muitas foram as (re)construções semânticas e históricas que foram se entrelaçando na apropriação de um significado, revelando detalhes de como a concepção de currículo está intrinsecamente ligada às transformações sócio-política-econômicas e ratificando a ideia de que currículo é jogo de poder, pois é na elaboração curricular que revela-se o tipo de cidadão que se quer construir. Ao longo destas discussões o autor destaca a importância da figura do professor neste cenário de seleção e construção de um currículo que resulte em projetos comprometidos com realidades multiculturais concretas, postos em confronto com a sociedade e que sejam recortes do mundo real. Berticelli aponta ainda, que somente no final dos anos 80 e início da década de 90 é que as teorias relacionadas ao currículo já tão debatidas noutros países, passaram a ser discutidas amplamente no Brasil.

Gradualmente, tais discussões deixaram de ser observadas de modo simplista ganhando uma análise mais próxima daquilo que é defendido e discutido pelas principais correntes teóricas que subjazem tais concepções, nas quais a escola é tida como o lugar onde está instituída a principal agência transformadora das funções e papéis sociais dos sujeitos. Deste modo, é indiscutível a relevância de tais conceitos que devem nortear e ampliar a visão dos profissionais envolvidos com a educação e que precisam ter em mente que é preciso chamar a responsabilidade pra si no sentido amplo de ressignificar suas concepções e posturas assim como refletir sobre a urgente necessidade de se conceber um currículo que esteja conectado aos problemas sociais, aos aspectos culturais e que atenda as demais situações neles imbricados.

A partir disso, consideremos que desde a antiguidade que a Escola tem sido palco para as grandes discussões que nutrem e fomentam as transformações sociais ao longo dos tempos. Isso ocorre ora como consequência, reflexo, ora como ideologia apregoada com finalidades específicas. Indiscutivelmente, o fato é que o currículo educacional acompanha tais modificações e também as reflete durante as práticas docentes.

Segundo relato de Santos (2013), em: “*Pluralidades dos saberes educativos*”, sempre houve uma preocupação em se organizar um currículo que atendessem determinado interesse social em detrimento de outros, moldando-o com os padrões e métodos observados em determinados contextos e épocas. Deste modo, a autora analisa o currículo educacional de

épocas distintas refletindo sobre as condições histórico-culturais em que foram constituídos comprovando e apontando diversas correntes teóricas de inúmeros movimentos sociais embasando e compondo a natureza destes currículos. Prova disto, é que em momentos específicos da história, pode-se observar que o currículo educacional foi totalmente pensado, estruturado e organizado para atender aos discursos e ideologias políticas, religiosas e econômicas dominantes. Exatamente o que ocorreu no Brasil no período da colonização, onde os padres jesuítas privilegiavam a educação religiosa, assim como também ocorreu no período da ditadura militar, no qual o currículo educacional deveria estar alinhado com os ideais políticos da época sob o risco de ser censurado ou extinto, conforme detalha o documentário: *“Currículo: Trajetória de Formação”*.

Considerando tais questões, é importante ressaltar o quanto a compreensão do que é e como se constitui currículo, vai sofrendo modificações significativas que, por exemplo, vão muito além de “sistematização de conteúdos” ou “transmissão de conhecimentos”. Conforme Santos, no texto supracitado, a ação dos sujeitos nas interações sociais, segundo estudos da NSE (Nova Sociologia da Educação-1970), apontam como variáveis sociais e culturais interferem no sucesso do aluno, sendo, portanto, elementos que fundamentam as experiências e saberes discentes e docentes que vão se (re)ordenando, resignificando e modelando comportamentos e concepções que ajudam a compreender os fenômenos sociais, fazendo com que os múltiplos saberes presentes no processo educativo tornem-se indispensáveis nestas experiências. Esta mesma concepção de currículo também é apresentada no documentário citado anteriormente; que o currículo muda de acordo com as transformações sociais vigentes: adaptando-se, adequando-se, ajustando-se às questões e interesses sociais.

No entanto, todas estas transformações também passam pelo professor, personagem fundamental neste processo, que deve apropriar-se do currículo oculto e do currículo vivo para pautar suas experiências, fundamentar e incorporar todas as suas práticas docentes e demais questões pertinentes ao processo educativo.

Em outras palavras, os currículos de uma escola devem ter relação intrínseca com o cotidiano; incluindo desde os aspectos formais, tradicionalmente estudados, às dinâmicas das relações estabelecidas dentro e fora dela. As experiências vividas neste cotidiano acabam sendo determinantes naquilo que o aluno entende, como entende e porque entende. Isso se deve ao fato deste cotidiano ser formado por uma cadeia de fazeres-saberes tecidos pelos sujeitos que por sua vez se inter-relacionam e se conectam diretamente com diversos segmentos sociais, políticos, culturais e religiosos. Deste modo, os conhecimentos vividos no cotidiano, impactam sobre toda dinâmica do currículo no espaço escolar.

2.4 Considerações acerca do Planejamento: O Planejamento como espinha dorsal da prática docente.

O planejamento é o ato prévio de tentar organizar, conscientemente, uma ação ou conjunto de ações tendo em vista objetivos específicos. Tal atitude, manifesta-se na sociedade desde situações simples a situações mais complexas ou elaboradas e acontece de modo, muitas vezes inconsciente ou automático. Planejamos o que vamos vestir, o que vamos comer, o que comprar, onde estacionar o carro, onde passar as férias, o curso que vamos fazer, quanto gastar, entre outras ações, de modo que tentamos organizar nossas ações pensando em como, por quê, para quê, para quem, a fim de tentarmos presumir e desenvolver estratégias de como alcançar e executar ou intervir num projeto em determinado curso de tempo e lugar.

Deste modo, no campo da educação, o planejamento constitui-se no principal instrumento para se programar as práticas pedagógicas e docentes sendo uma atividade consciente, intencional e sistemática através da qual é possível também o exercício da avaliação e reflexão por parte do professor para uma possível reorganização das atividades previstas e uma nova tomada de decisão. Para tanto, é preciso que o planejamento seja flexível, ou seja, passível de mudanças, ajustes, reordenamento, considerando a dimensão e a complexidade do processo ensino-aprendizagem. Segundo Vasconcelos (2004), “o planejamento é o processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento”. Ou seja, depois do planejamento, a etapa seguinte deve ser a execução ou a intervenção prática da realidade em foco.

No que tange à Educação Infantil, um ambiente ainda mais dinâmico e vivo onde as transformações são muito mais intensas e simultâneas, espera-se que todo planejamento esteja alinhado com um fazer pedagógico coerente com a concepção de criança, de infância adotadas e que considere aquilo que as DCNEI em seu Artigo 9º orientam ao propor que as experiências que as crianças vão construir estejam pautadas nos eixos estruturantes da interação e da brincadeira.

2.5 Leitura e Ludicidade: Práticas de leitura na Educação Infantil

Já está mais do que comprovado, através de diversas teorias, o quão importante e necessário é, que as crianças, desde a mais tenra idade, estejam em contato com a leitura para que possam constituir-se sujeitos críticos apropriando-se de múltiplos benefícios frente a uma sociedade letrada onde torna-se vital o uso e o domínio dos processos e estruturas organizados

em torno da leitura e da escrita. Isso porque é pela leitura que o sujeito constrói, desconstrói, reconstrói conceitos relevantes para sua formação enquanto ser humano, ampliando sua visão de mundo e sua capacidade comunicativa.

Neste sentido, a imersão das crianças neste universo de leitura e escrita não pode estar limitada ao exercício de reconhecimento e decodificação de letras e palavras isoladas que não comunicam ideias, sentimentos, tornando-se exercício infértil para constituição de sujeitos leitores e produtores de textos. Para que possamos formar crianças e adultos leitores proficientes, é preciso oportunizar ampla vivência no mundo letrado através das situações de leitura e escrita a fim de que possam ir compreendendo as funções sociais destes. São situações como as rodas de leitura com a leitura em voz alta, o manuseio de livros diversos, de literatura de cordel, de gibis, de histórias em quadrinhos, receitas, revistas entre outros gêneros textuais que circulam na sociedade e no ambiente escolar que vão possibilitar às crianças a compreensão eficaz dos processos de leitura e escrita.

Segundo Fullgraf e Wiggers (2014), desde muito cedo, o gesto do bebê é utilizado para comunicar e expressar uma ideia, passando pelo choro, balbúcio que também são situações comunicativas. Assim, entre o gesto do bebê e a escrita na idade escolar, a criança percorre longo caminho, utilizando-se de várias linguagens – a fala, o desenho, a pintura, a modelagem, o faz-de-conta que são manifestações das emoções e experiências interpretadas pelas crianças que antecedem a escrita e a leitura sistemática e convencional.

Para que possam provocar situações de apropriação da leitura e da escrita, os professores das creches e berçários, desempenham importante função mediando este processo no qual devem utilizar estratégias metodológicas que possibilitem emoções e encantamento às crianças a fim de enriquecer suas práticas dando-lhes condições e elementos para que eles tenham o que expressar, contar, registrar.

Como já foi dito, escutar histórias, músicas, poesias, trava-línguas, são exemplos de situações que promovem estímulos e são criadas as condições para o desenvolvimento daquilo que Vygotsky, (1989, apud Fullgraf e Wiggers, 2014, p.78), denomina de “funções psicológicas superiores, em especial da função simbólica, fundamental neste processo”.

Depois de considerar todas estas questões relativas à aquisição e apropriação da leitura e escrita na infância, é imprescindível lembrar que a forma como estes processos acontecem, podem se tornar uma fonte de prazer ou representar um momento de tensão para as crianças, sendo importante ressignificar muitas práticas que acabam por se tornar em atividades estanques, sem significados, adultocêntricas que distanciam a criança do mundo da leitura.

Para Vygotsky (1991, apud Borba, 2007 p.55), “mais do que um fator de desenvolvimento, a brincadeira é a linha principal de desenvolvimento da criança pequena”. Isto posto, fica evidente a dimensão lúdica que deve permear as atividades pedagógicas propostas, tornando-se num dos principais elementos constitutivos destas ações, uma vez que é uma atividade por meio da qual as crianças se fazem sujeitos incorporando linguagens, jogos simbólicos e modos de interações específicos, fazendo da brincadeira, transição para posteriores situações de deslocamentos essenciais na construção de outros conhecimentos.

Para Brandão, Melo e Mota (2009), devemos aproximar o livro o máximo possível da ludicidade que se instala nas brincadeiras afim de que a criança possa tecer suas leituras de modo que possa fruir, nutrindo seu imaginário, ressignificando suas práticas e ações sociais, favorecendo a formação e maturação de sua identidade, buscando despertar o gosto pela leitura prazerosa, instrumentalizando o pensamento, a fantasia do imaginário infantil na relação com o mundo literário.

3. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E DOS PROCEDIMENTOS

Como cumprimento da realização do Estágio Supervisionado II, no componente curricular de Educação Infantil, vivenciamos um estágio na Creche Municipal Nenzinha Cunha Lima, situada no bairro do Presidente Médici, na cidade de Campina Grande – PB. Assim, considerando as atividades desenvolvidas durante o estágio com o intuito de observar e participar da dinâmica de uma sala de aula de Educação Infantil, a fim de compreender, experimentar toda complexidade existente nas relações que são estabelecidas numa unidade de Educação Infantil. O estágio foi dividido em diferentes etapas: a observação com registro da rotina da creche bem como análise das atividades realizadas pelas professoras, observação da interação entre crianças/crianças e professor/crianças, planejamento e elaboração de projeto didático seguido de execução. Durante a etapa de observação, foram catalogadas informações sobre o histórico da creche, o Projeto político pedagógico, a composição do quadro de funcionários da instituição, a estrutura física, a organização e o funcionamento do prédio, além da observação e análise dos aspectos gerais e específicos da rotina da turma de maternal II-C, turma escolhida para execução da proposta pedagógica.

A execução da proposta pedagógica ocorreu no período de 04 a 08 de junho de 2018 e foi constituída de vivências considerando a criança em suas múltiplas linguagens, considerando a literatura infantil como importante fator de desenvolvimento da formação do sujeito-leitor, tendo por base Brandão (2009), que afirma que é preciso provocar situações em

que as crianças possam experimentar situações de leitura com o corpo inteiro através de experiências lúdicas e criativas. Assim, durante este processo, buscamos despertar o gosto pela leitura prazerosa, instrumentalizando o pensamento, a fantasia do imaginário infantil na relação com o mundo literário.

4.0 COTIDIANO DAS SALAS INFANTIS: Vivenciando a rotina numa sala da Educação Infantil

A vivência de uma sala da educação infantil ocorreu na Creche Municipal Nenzinha Cunha Lima, situada na cidade de Campina Grande, PB, que atende cerca de 126 crianças entre 2 e 4 anos distribuídas em 5 turmas que funcionam integralmente. A turma escolhida foi a de maternal II – C, que tem 27 alunos matriculados, tendo como professoras regentes, no turno da tarde, Jeane Fernandes e Karola Lucena. É importante salientar que a organização da rotina da creche constitui-se elemento fundamental para o atendimento eficaz e para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Assim, a rotina é bem rígida no cumprimento dos horários e das atividades, a fim de assegurar um atendimento de qualidade inerentes ao cuidar e ao educar.

Consoante a isso, a rotina da creche está assim fixada:

- ✓ 07h – chegada das crianças e acolhimento nas respectivas turmas seguida da troca de roupas;
- ✓ 08h – café da manhã no refeitório e nas salas de aulas, pois o refeitório não comporta todas as turmas simultaneamente;
- ✓ 08h:20min – atividades pedagógicas nas salas;
- ✓ 08h:45min – recreação livre ou dirigida, banho de sol, brincadeiras no parque e no tanque de areia, sob a supervisão e o olhar das professoras;
- ✓ 09h:15min – preparação para o banho e troca de roupas;
- ✓ 10h:20min – almoço no refeitório e nas salas, seguido de asseio, uso do banheiro e preparação para a dormida;
- ✓ 11h – As crianças são encaminhadas para o dormitório ou para suas respectivas camas nas próprias salas de aula; (Neste momento, são outros professores que ficam com as crianças no sono, até o início do turno da tarde)
- ✓ 13h – os professores do turno da tarde adentram ao dormitório e nas salas para assumirem seus postos, mas as crianças permanecem dormindo até mais tarde;

- ✓ 14h – as crianças normalmente já estão acordadas, em sua maioria, sendo dirigidas para suas respectivas salas de aulas – as que estão no dormitório-depois de algum asseio, caso seja preciso. Existem crianças que têm um sono maior e estas permanecem dormindo, sendo respeitado o tempo de cada um. Quando acordam, dirigem-se automaticamente para suas salas;
- ✓ 14h – Lanche nas salas e no refeitório, simultaneamente. As professoras guardam os lanches das crianças que porventura ainda estejam dormindo;
- ✓ 14h:30 min – Atividades pedagógicas nas salas. Este momento de atividades é administrado de modo muito dinâmico de modo que, na maioria das vezes, é possível permitir às crianças, mais um breve momento de recreação livre;
- ✓ 16h – Troca de roupas e organização para o jantar. Neste momento, as crianças também são penteadas, perfumadas e calçadas;
- ✓ 16h: 20min - jantar nos refeitórios e nas salas, uso do banheiro para asseio e retorno para as salas com organização dos pertences para término das atividades e entrega às famílias.

A rotina da creche acontece de forma muito ativa e dinâmica, precisando do envolvimento e comprometimento de todos os profissionais pertencentes a ela para que tudo aconteça de forma tranquila e organizada sem que haja quebra da rotina ou qualquer prejuízo para as crianças. Neste sentido, cumprir a rotina, os horários são procedimentos essenciais para assegurar a continuidade destas ações visto que, qualquer intercorrência, acarreta num efeito dominó, comprometendo o trabalho de toda equipe. Assim, toda a equipe docente e demais funcionários, desde o porteiro até as funcionárias da lavanderia, trabalham tendo como centro das ações a criança pertencente aquele espaço, respeitando seus tempos, suas condições e desejos, de modo que tenham um atendimento prioritário e de qualidade. Também faz-se necessário enfatizar que na creche, cada sala tem duas professoras regentes (e ainda a presença de uma cuidadora para o caso das salas com crianças especiais) para assistir às crianças, levando em conta tamanha responsabilidade e amplitude destes processos, além da faixa etária em questão que requer alto nível de atenção e cuidados. Concernente a isso, fica evidenciado o quanto é fundamental uma gestão democrática e comprometida em administrar toda esta demanda de forma coerente, justa e sensível. Apesar disso, encontramos e presenciemos formas distintas de tratamento e atendimento às crianças realizadas pelos professores e pelos demais membros da equipe, mas que em sua maioria, zelam pelo bem-estar das crianças pertencentes aquele lugar.

Quanto às crianças, observamos certa satisfação e alegria em frequentar aquele espaço, uma vez que apresentam muita autonomia ao utilizarem os espaços da creche e cumprirem sua rotina. Ainda existe alguma resistência por parte de alguma criança, geralmente por não querer ficar na sala e preferir estar no parque ou no pátio, precisando do auxílio das professoras para os fazerem cumprir os combinados. No entanto, são situações esporádicas, pois a esta altura do ano, todas as crianças já encontram-se bem adaptadas à rotina e exploram todos os espaços e ambientes com muita segurança e autonomia. Estas crianças são assistidas o tempo todo e em todos os espaços pelos professores que procuram desenvolver as mais diversas situações e vivências a fim de possibilitar a construção da identidade das crianças de forma autônoma. São exemplos disso, a hora da refeição onde, ao mesmo tempo que se oferece um cardápio variado com estímulo para experimentação de sabores e texturas diversas, as crianças recebem incentivo para alimentarem-se sozinhas, mastigarem corretamente, comer o necessário e não desperdiçar comida; outra situação semelhante, ocorre durante o uso do banheiro quando as crianças são orientadas como utilizar o vaso sanitário, como fazer o asseio e como controlar seus esfíncteres.

Durante a troca de roupas, foi possível observar atitudes também responsáveis pela formação da autonomia e da autoestima das crianças, pois elas recebem suas sacolas com suas respectivas roupas e são instruídas a como fazer a troca, como calçar seus calçados fazendo deste momento um momento igualmente prazeroso e lúdico. Neste momento, foi possível observar crianças solidárias ajudando aos colegas que ainda não conseguiam vestir-se ou trocar seus calçados sozinhos, numa troca de experiência riquíssima e cheia de projeções sociais.

Outro ponto observado diz respeito à presença das famílias na creche. Desde a hora da chegada até a hora da saída das crianças, é muito comum a circulação das famílias nos espaços da creche, tendo livre acesso as dependências seja para comunicarem alguma intercorrência, seja para se certificarem de alguma ocorrência com seus filhos como quedas, mordidas, febres, seja para virem pegar alguma criança doente ou dar a alguma medicação, de modo que estas interações ocorrem de forma muito comum e constantemente, fazendo com que exista um canal de comunicação livre e acessível entre famílias e creche.



Fotos: 1,2 3 - Crianças brincando no parquinho da área coberta, um dos espaços mais disputados por elas.

Quando cheguei na turma do Maternal II - C para observação, fui informada que durante aquela semana, as atividades pedagógicas seriam desenvolvidas em torno do eixo-temático – Eu e os animais – que foram planejadas sistematicamente segundo a orientação de planejamento semestral sugerido pela secretaria de educação e que contemplam áreas de conhecimentos distintas. Desta forma, as professoras organizam as atividades que iriam desenvolver contemplando as áreas sugeridas, utilizando um caderno de planejamento semanal que é consultado para dar o direcionamento das ações diárias. A seleção das vivências é muito flexível e leva em conta o ritmo e as peculiaridades de cada turma, deixando as professoras livres para escolherem a melhor metodologia. Isso posto, vamos ao detalhamento das ações observadas na turma durante aquela semana.

- (Linguagens: Oral e artística/ Natureza e Sociedade e Matemática) - Na segunda feira, após trazerem as crianças do dormitório, as professoras cantaram algumas canções e fizeram uma oração para posteriormente servirem o lanche. O lanche é servido na sala e as professoras se revezam na distribuição e no atendimento individual, dirigindo-se até as mesas de cada criança. Neste momento, existe uma série de instrução dadas às crianças para não sujarem as mesas e o chão, comer devagar, não desperdiçar comida, etc. Durante este momento, a televisão permanece ligada junto com DVD com desenhos para as crianças. As crianças que foram terminando sua refeição, foram sozinhas ao banheiro lavar mãos e bocas e voltavam para esperar pelos colegas assistindo TV. É neste momento, junto com as crianças, que as professoras também lancham. Depois deste momento, uma das professoras conduziu o

momento seguinte, propondo uma roda de conversa informal onde perguntou para as crianças sobre que animais de estimação elas tinham em casa.

As crianças participaram ativamente, relatando os tipos e nomes dos animais que possuíam, numa interação e participação intensa ao passo que eram instigadas pela professora sobre muitas questões relacionadas ao assunto. Depois disso, a professora foi para a lousa e começou a listar os nomes dos animais ditos pelas crianças fazendo uma contagem ao final e escrevendo o número correspondente. Na sequência, entregou uma folha de ofício individual e um lápis grafite para cada criança registrasse o desenho do seu animalzinho. O interessante é que as crianças que disseram não possuir animal de estimação, também fizeram o registro. Enquanto as crianças fazem o registro, existe um bom nível de silêncio, concentração e engajamento na atividade. Elas são assistidas pelas professoras o tempo todo, que permanecem nas mesas, atentas a movimentação em torno do compartilhamento dos lápis de pintura que também foram entregues para a pintura dos desenhos. As professoras escrevem os nomes das crianças nas folhas, enquanto elas estão desenhando e ao final, perguntam que desenho é aquele e elogiam as crianças pela atividade. Depois deste momento, as crianças saíram para brincarem livremente antes da troca de roupas.

As professoras sempre deixam um tempo na rotina da tarde para que as crianças possam correr, brincar e extravasar livremente. Assim, depois retornaram para as salas, tomaram água, lavaram as mãos no banheiro e seguiram enfileirados para o refeitório onde jantaram, fizeram o asseio da boca no lavabo disponível e voltaram para a troca de roupas na sala de aula. A hora da troca foi bem intensa com muita movimentação das crianças na sala pois elas já o fazem sozinhas sob a supervisão das professoras que auxiliam os que ainda estão aprendendo. A TV e o DVD permanecem ligados neste espaço de tempo. Com o material organizado, bolsas, casacos, fraldas e chupetas, as crianças permanecem aguardando ansiosamente pela chegada das famílias para buscá-las nas salas, findando assim, o expediente. É importante ressaltar que a maioria das famílias chega dentro do horário previsto para pegar suas crianças, porém, depois das 17h, caso as famílias ainda não tenham chegado, as crianças são levadas para outra sala dentro da instituição, para aguardarem, junto com as demais crianças da creche, pelas famílias retardatárias e as professoras são liberadas. Algumas crianças resistem e choram quando ficam nesta sala e veem suas professoras e colegas indo embora.

•(Linguagem oral e Expressão musical) - Na terça feira, seguiu-se o mesmo procedimento para o lanche até o momento da atividade. Na sequência, a professora Jeane anunciou que a atividade daquele dia seria uma surpresa muito legal e que aguardassem

quietos enquanto ia pegar o som. As crianças ficaram muito ansiosas e assim que a professora retornou, vibraram com o que viram. Ela havia trazido uma caixa de som e uma sacola de máscaras e aventais de animais diversos e explicou que iriam primeiro ouvir a canção e depois diria o que viria depois. Na mesma disposição das mesas e cadeiras, colocou o som com a canção do “Sítio do Seu Lobato” e cantou a música com as crianças com toda coreografia e ênfase ao som que imita os animais. Como a música já era bem conhecida das crianças, não houve qualquer dificuldade em cantá-la havendo envolvimento total e muita diversão.

Em seguida, a mesma professora anunciou que iria vestir um avental e uma máscara de animal em cada criança para que pudessem cantar vestidas. Foi um momento de muita euforia e confusão entre as crianças que queriam vestir o avental e a máscara de um determinado bicho que outro colega já havia recebido, de modo que foi preciso a professora explicar que todos iriam receber máscara e avental de qualquer bicho e não tinha como escolher, pois, só havia uma de cada. As crianças compreenderam e aceitaram melhor o fato. Também ocorreu resistência por parte de uma criança que chorou e não aceitou de forma alguma, ser caracterizada.

Com a ajuda da outra professora, vestiram toda turma de animais diversos, sendo o casal de animais, o macho e a fêmea. Caracterizadas, de leão, elefante, vaca, zebra, macaco, onça, pato, galinha, cachorro, entre outros tipos, as crianças cantaram novamente a canção com ainda mais vigor e intensidade. Dava para ver tamanha alegria no rosto deles, em participar daquela atividade, incorporando de fato o animal vestido.

As professoras orientaram para que cada criança procurasse dar a mão ao seu par correspondente, para formarem o casal. Depois deste momento na sala, as professoras anunciaram que iriam sair num desfile pelos corredores da creche, cantando e dançando a canção, visitando as demais salas e passando pelo pátio para finalizar. Assim, a professora ligou o som bem alto na caixa de som portátil e saiu já cantando e dançando com as crianças em direção as demais salas e quando chegavam nas salas, apenas entravam ou abriam a porta, sem anunciar, e seguiam cantando um pedacinho da música, com o desfile e as coreografias das crianças, passando por todas as salas da creche.

As crianças expectadoras das demais salas, ficavam perplexas, inicialmente, tentando descobrir qual criança estava atrás daquela máscara, mas logo cantavam e entravam na brincadeira, querendo, inclusive, seguir junto com a turma. Seguindo o percurso planejado, ao chegar diante da turma do maternal II – B, a turma não foi muito bem recebida pois a professora não queria abrir a porta, nem recebê-los alegando que iriam desconcentrar a turma que fazia uma atividade no papel, havendo nesta ocasião certo mal-estar entre as profissionais.

Contudo, a professora Karola desconsiderou a fala da professora e empurrou a porta, cantando e batendo palmas, convidando as crianças daquela turma para se envolverem na brincadeira. Algumas crianças permaneceram inertes, outras atenderam ao convite e dançaram junto, imitando o som dos animais. A professora Jeane logo direcionou as crianças para saírem da sala, permanecendo pouco tempo lá em função do ocorrido. Seguiram cantando, dançando para turma vizinha e apesar de terem sido bem recebidos pelas professoras, as crianças, muito pequenas, começaram a chorar assustadas com as crianças mascaradas.

As professoras da turma começaram a explicar, em meio ao barulho, tratava-se dos colegas da sala vizinha que estavam atrás das máscaras e pedia para que as crianças tirassem parte da máscara do rosto para que fossem reconhecidos pelos menores. Apesar de certo tumulto, as professoras continuaram cantando com a turma e tentavam acalantar os que choravam trazendo-os para mais próximo dos colegas vestidos, na tentativa de fazê-los entender que tudo tratava-se de uma brincadeira. Saindo de lá, seguiram para a última turma no mesmo ritmo, e, ao passo que a música acabava, era reiniciada pela professora que conduzia a caixa de som. Chegando nesta sala, a turma foi bem recebida pelas professoras, que já estavam atentas e a espera, em função do som alto que já atraía e anunciava o desfile.

Algumas crianças também quiseram chorar, por tratar-se também de crianças bem pequenas, turma de maternal-I, mas foram bem mais receptivas à proposta e logo se acalmaram, inclusive, até quiseram seguir junto com a turma até o pátio para o desfecho, mas corriam o risco de se machucarem entre os maiores. Assim, as crianças finalizaram com outra cantoria no pátio e foram levadas de volta para sala de aula. Depois que deram água às crianças, as professoras começaram a retirar as máscaras e os aventais, e, novamente, houve alguns contratempos com algumas crianças que se recusavam a devolver, chorando e alegando que queriam levar para casa, para o irmão, para mostrar a família, entre outros argumentos. Logo, as professoras conseguiram contornar a situação e acalmar a euforia e a ansiedade das crianças. Neste dia, as crianças não saíram mais para brincar e receberam massinha de modelar e jogos de encaixe até a hora da troca de roupas e a ida para o jantar no refeitório. Depois, a rotina foi concluída como de costume.



Fotos: 4,5 e 6 - crianças sendo preparadas com máscaras para o desfile pela creche

- (Linguagem oral e escrita/ Grafismos) - Na quarta –feira, mais uma vez, o lanche foi servido depois da oração e das canções rotineiras. As crianças chegam bem calmas do dormitório e permanecem tranquilas aguardando o lanche em seus lugares. Após comerem, a professora Karola os convida para sentarem junto dela para ouvirem uma história. Cada criança deixa sua cadeira e senta-se no chão num semicírculo, em frente a professora que está sentada numa cadeira. Existe um princípio de tumulto, pois as crianças querem ficar todas bem em frente a professora para visualizarem as imagens do livro, de sorte que, as professoras conseguem controlar a situação determinando o lugar exato onde cada criança deve sentar. Claro que algumas resistem sem querer aceitar o lugar apontado, mas a professora começa logo a contar a história e elas são atraídas pela narração.

A história contada foi “A vida na fazenda: A vaquinha Ludmila” e durante a narração, as crianças estão atentas, silenciosas e interagem com a professora, quando instigadas, respondendo perguntas e pedindo para observar as gravuras mais de perto. Neste sentido, a professora sempre, pede calma e paciência para concluir a fala e mostrar a imagem. A história lida retratara basicamente, como é o dia da vaquinha Ludmila no convívio com o bezerro, o touro e personagens que cuidam deles na fazenda. A professora explica sobre a origem do leite, entre outros assuntos que surgem durante a leitura. Enquanto Karola lia a história, a professora Jeane preparava uma folha individual de ofício para cada criança, com seu nome e com a seguinte legenda que dizia: Ilustração da história – A vaquinha Ludmila. Ao término da contação, as crianças voltaram para suas cadeiras e receberam a folha e um lápis grafite para fazerem suas anotações e registros, com base na história ouvida. Enquanto as crianças se debruçam nas suas atividades, as professoras se movimentam na sala, apontando lápis de cor e distribuindo em cada mesinha para a pintura dos desenhos.

Depois da pintura, cada criança devolvia a atividade e seguia para brincar fora da sala, pois uma das professoras já estava fora dando assistência aos que iam saindo. Ao perceberem que poderiam sair depois da atividade, muitas crianças se apressaram para terminar a

atividade ou nem queriam terminar a pintura, pensando na brincadeira. A professora, com muita ênfase e entonação forte, mandou-os terminar a atividade ou então não sairiam. A maioria terminou a atividade e saiu para brincar, porém, duas crianças se negaram a fazer e ficaram chorando para sair da sala, mas a professora não permitiu que saíssem e ficou com eles pois comentou “que era comum eles terem preguiça de terminar a atividade”. Minutos depois, a turma que estava fora, voltou com a professora e foi dado início as preparações para a troca de roupas, o jantar e o final do expediente.

- (Linguagem da Natureza e Sociedade) - Na quinta-feira, o mesmo protocolo dos dias anteriores foi seguido e após o lanche, a professora Karola convidou a turma para sentarem numa roda para ouvirem uma história, e, como de costume, as crianças sentaram no chão, defronte para a professora que iniciou a leitura da história: Gino, girino. As crianças gostam muito desses momentos e apresentavam muito silêncio e concentração, além, claro, dos momentos em que interagiam respondendo aos questionamentos que a professora fazia ou pedindo para ver as imagens. A história narrada, relatava o ciclo de vida de um girino em meio a algumas implicações que vão surgindo no enredo. As crianças ouviram e demonstraram ter compreendido a sequência narrada. Após este momento, a professora trouxe algumas imagens de animais aquáticos e seguiu explicando sobre suas características e seu habitat natural. Depois deste momento, as crianças brincaram um pouco de massinha e foram levadas para brincar também no pátio, local preferido por elas. Chegando no pátio, as crianças foram orientadas para ficarem apenas na área coberta com os brinquedos do parque, sem ir para o tanque de areia.

A maior parte da turma obedeceu ao comando da professora. No entanto, duas crianças se destacaram pois corriam o tempo todo para a areia até que a professora ameaçou os levar de volta para a sala caso insistissem, somente assim obedeceram. Durante estes momentos no parque, é muito comum os conflitos e as disputas por espaços e brinquedos sendo necessária a intervenção contínua das professoras, orientando quanto: ao compartilhamento dos espaços e brinquedos, ao respeito, não usar a violência física nem verbal, dentre outras situações que surgem. Depois de algum momento, as professoras levaram as crianças direto para o jantar no refeitório, invertendo a ordem comum. Ao final do jantar, foram ficando em fila esperando pelos demais até que todos foram levados para o asseio no banheiro, seguindo para sala onde vestiram a roupa de voltar para casa e posteriormente, aguardaram as famílias assistindo DVD como de costume.

- (Linguagem artística/ Artes visuais) - Na sexta-feira, as professoras trouxeram a turma para a sala, após o soninho e enquanto organizavam o lanche, a turma assistia DVD. Não houve oração nem cantigas, neste dia. Após o término do lanche, as crianças foram recolhendo seus copos e pratos e levando para bandeja que sempre fica no birô das professoras, aguardando algum funcionário da cozinha vir pegar. Também acontece com frequência, de uma ou mais crianças pedirem para repetir o lanche e, caso não tenha na sala, as professoras os encaminham para a cozinha para buscarem. Ou ainda, se alguma criança derramou alguma bebida na sala, as professoras também pedem para que eles vão chamar algum funcionário da limpeza para fazerem o asseio de modo que, as crianças participam intensamente da rotina e transitam livremente nos espaços da creche.

Quanto ao momento posterior ao lanche, uma das professoras retomou rapidamente a aula anterior, lembrando a história narrada e fez perguntas relacionadas aos acontecimentos ocorridos no enredo que foram prontamente respondidos pelas crianças. Em seguida, ela anunciou que fariam uma pintura coletiva sobre a história e deu as instruções. De posse de uma folha grande de papel madeira, a professora esticou-a sobre uma das mesinhas e foi chamando as crianças uma a uma para pintarem o polegar com tinta guache verde e, em seguida, fazerem o carimbo na folha, no local indicado pela professora. Enquanto uma professora passava tinta guache com um pincel nos dedos das crianças, a outra os recebia para aplicarem a marca no papel e os encaminhavam para o banheiro, onde deveriam lavar as mãos e voltar para sala, aguardando os demais colegas, brincando com massinha. Ocorre que, algumas vezes, a atividade foi interrompida porque algumas crianças que foram ao banheiro para lavar as mãos, resolveram ficar no pátio brincando ou subiram para a área do banho, abriram o chuveiro e se molharam toda, até serem vistas por outras crianças da sala que denunciaram às professoras.

Trazidos para a sala, a professora trocou as roupas molhadas e deixou-os sentados numa cadeira, afastados dos demais, explicando que estavam ali porque haviam desobedecido a orientação dada por elas. A reação de uma das crianças foi de choro, enquanto outra ria, demonstrando não ter se incomodado com a 'punição'. Finalmente, depois que todos pintaram a representação dos girinos com o polegar, a professora escolheu apenas uma criança para pintar de azul um determinado espaço na folha que representava a lagoa onde vivia o Gino girino. Após este momento, as crianças foram levadas para um breve momento de brincadeira no pátio, esperando que a pintura secasse para a conclusão da atividade. As crianças que haviam se molhado no chuveiro e fugido para o pátio durante a atividade, ficaram na sala e não saíram neste momento, pelas mesmas razões. A professora Karola ficou com eles.

Depois de algum momento, a professora Jeane retornou com os demais para a sala para finalizarem a atividade. Cada criança foi chamada individualmente para o birô, para desenharem uma cauda na pintura feita, representando o girino. Elas recebiam um lápis hidrocor e a professora auxiliava, apontando o lugar e a forma do desenho, utilizando a imagem do livro. Enquanto isso, as demais crianças, brincavam com brinquedos diversos, dispostos num balde e ao alcance delas. Concluída a atividade, a professora escreveu o título da história no cartaz, colocou o nome da turma e afixou na parede externa junto a porta da sala. O cartaz ficou lindo e colorido. Depois disso, foi realizada a troca de roupas, as crianças foram jantar no refeitório e voltaram para a sala, onde aguardaram suas famílias. É interessante observar que, naquele dia, enquanto as famílias se aglomeravam na porta para pegar suas crianças, estas mostravam orgulhosamente o cartaz com a atividade realizada por eles, identificando exatamente qual girino havia pintado e desenhado, além de relatarem, muitos deles, o que havia acontecido na história.

4.1 Análise da sequência de atividades:

Diante do roteiro de aulas aqui descrito e depois da observação realizada naquele contexto, pude perceber o quão complexo e dinâmico é o trabalho numa sala de aula de educação infantil, especialmente se a turma for numa creche, o que vai requerer ainda mais cuidados e assistência, além da proposta didático-pedagógica, por se tratar de uma rotina integral e intensa. Isso porque a creche é, literalmente, a extensão do lar ou ainda, é o único lar de muitas daquelas crianças, no sentido de ser o lugar onde recebem um olhar exclusivo e uma atenção adequada ou conforme aquilo que é assegurado pelas bases legais do país.

Muitas crianças que têm seus direitos negligenciados por suas famílias, encontram na creche, o lugar para receberem toda assistência devida e necessária. Assim, tais crianças têm, por exemplo, quatro refeições diárias, preparadas sob rígido controle de qualidade e a orientação de nutricionistas, têm banho com o material de higiene necessário, roupas limpas e engomadas, além de todo aparato pedagógico que aqui já foram detalhados numa estrutura totalmente pensada e organizada exclusivamente para atendê-los e ajudar na formação de suas identidades. E por que que estou dizendo isto aqui neste tópico intitulado de “Análise da sequência de atividades”? Num rápido olhar, pode parecer que a informação está no mínimo, deslocada, porém, julgo estar no lugar ideal por ter percebido que nesta rotina, o cuidar e o educar estão tão intrínsecos, tão intimamente ligados e tão dependentes um do outro, que

podem ser confundidos, ou melhor, são indissociáveis, de modo que não dá para analisar a proposta da sequência de atividades, sem considerar esta questão. De modo que, as atividades tanto do cuidar quanto educar são igualmente importantes neste contexto e acontecem de forma simultâneas dentro dos espaços da creche.

Concernente a isso, é estritamente necessário dizer que não dá para planejar e executar atividades didáticas muito longas porque conforme vimos, tornam-se cansativas e inviáveis para executar dentro de uma rotina de cuidados que não podem ser dispensadas. Além disso, considerando a idade de tais crianças, percebe-se a necessidade de oferecer uma proposta dinâmica, atrativa, tornando-se numa atividade extremamente difícil e desafiadora para os professores conciliar estes processos. Isto posto, procurarei deter-me na análise das atividades didáticas propriamente ditas.

Considerando todo contexto aqui detalhado, observei que as professoras da turma em foco, procuraram oferecer uma proposta variada e adequada para a realidade da turma quando pensaram em enriquecer estes momentos com música, artes visuais, literatura infantil, desenhos, pinturas, representações, roda de conversa entre outras atividades que consideram as múltiplas linguagens das crianças, de acordo com aquilo que explicitamos na revisão teórica deste trabalho. Também foi possível constatar que as professoras organizam as propostas nos planejamentos, que são distribuídas em semanas e são colocadas no caderno que é constantemente consultado para organização das atividades diárias.

Durante a semana de observação, percebi grande engajamento das profissionais ao levarem o material da aula totalmente pronto e organizado previamente garantindo uma boa qualidade na execução dos trabalhos. Outro fator de importante destaque, diz respeito à metodologia e aos recursos materiais utilizados que fizeram toda diferença para atrair a atenção das crianças e garantir que os objetivos planejados fossem alcançados. Assim, percebi que fundamentalmente, o planejamento das ações, comprovadamente, é vital neste processo, pois sem ele, torna-se inviável pensar numa proposta que atenda toda esta demanda.

É importante ressaltar ainda, que, quanto às atividades desenvolvidas, vimos momentos lúdicos, de prazer e que despertaram o imaginário infantil propiciando a formação e a maturação de suas identidades. Isso estava estampado no rosto de cada criança quando recebiam as propostas com satisfação e entusiasmo, envolvendo-se e realizando-as com afinco. Tais proposituras foram muito bem planejadas e executadas observando também, um excelente trabalho de controle e organização da turma que responde muito bem aos comandos dados.

Com relação às atividades realizadas na terça-feira, necessariamente, o desfile realizado nas dependências da creche, acredito que faltou apenas a comunicação entre as professoras da turma e as demais colegas de trabalho para que pudessem preparar suas respectivas turmas num horário previamente estabelecido, para receberem as crianças sem que isso atrapalhasse a rotina das salas e também não fosse um elemento tão inesperado e assustador para os pequeninos do maternal I. No tocante a isso, acredito que as professoras regentes não imaginaram que tal atitude pudesse trazer qualquer prejuízo para a rotina das demais salas por ser uma passagem rápida pelas salas. No entanto, de modo geral, a atividade foi um sucesso e muito enriquecedora para as crianças.

De modo geral, acredito que todo trabalho realizado durante a semana observada, constituíram-se numa sequência excelente, coerente, adequada, bem organizada, entre outros atributos que ratificam o compromisso com a dignidade da criança e com a formação de sua identidade, de seus papéis sociais bem como com o desenvolvimento de seus aspectos cognitivos, motores, socioafetivos e culturais, considerando a criança como um sujeito completo, conforme as DCNEI (2009), estabelecem.

4.2 Relato da Proposta Pedagógica vivenciada na creche

Respeitando a rotina da turma em questão, demos continuidade ao trabalho que é desenvolvido na turma, cumprindo os mesmos protocolos e horários estabelecidos e organizados pelas professoras regentes, considerando o quão impactante seria modificar essa rotina para a compreensão e aceitação das crianças. Deste modo, desenvolvemos nossa proposta no turno da tarde, julgando haver um maior espaço de tempo dentro da rotina em questão. A turma é composta por 27 crianças matriculadas e a assiduidade varia entre 25, 24 crianças a depender do dia.

Entre 13h e 14h, as crianças estão no dormitório no período do repouso ou soninho e, neste ínterim, vão ao banheiro, trocam o xixi, fazem algum asseio caso seja necessário, para posteriormente estarem todas na sala às 14h para o lanche. As professoras costumam fazer oração e cantar algumas canções antes do lanche e assim também o fizemos. Depois do lanche, a turma é preparada para a atividade pedagógica que dura cerca de 1 hora e depois são liberados para atividades de brincadeiras livres ou dirigidas no pátio da creche, retornando para sala para troca de roupas, por volta 16h, seguem para o jantar coletivo no refeitório,

depois fazem o asseio e retornam para a sala de aula para preparar os pertences para término da rotina com a entrega às famílias a partir das 16:45h.

Na segunda feira, dia 04/06/18, iniciei o momento de execução da proposta pedagógica propriamente dita. Fui recebida calorosamente pelas professoras regentes, que permaneceram me dando suporte durante todo estágio, e com muita manifestação de carinho das crianças, que foram muito espontâneas e receptivas o tempo todo. Diante da turma, fiz algumas breves considerações explicando que iríamos ficar juntos durante aquela semana onde teríamos muitas surpresas e faríamos muitas coisas legais. Assim, neste clima de muita expectativa, propus uma roda e convidei as crianças para estarem atentas ao que iria acontecer, cantando a canção *“E agora minha gente, uma história eu vou contar.”* Muito silêncio, atenção e expectativa aconteceram neste momento. Apresentei o livro escolhido, O CASO DA LAGARTA QUE TOMOU CHÁ DE SUMIÇO, lendo em seguida, o título da história, o nome do autor e do ilustrador.

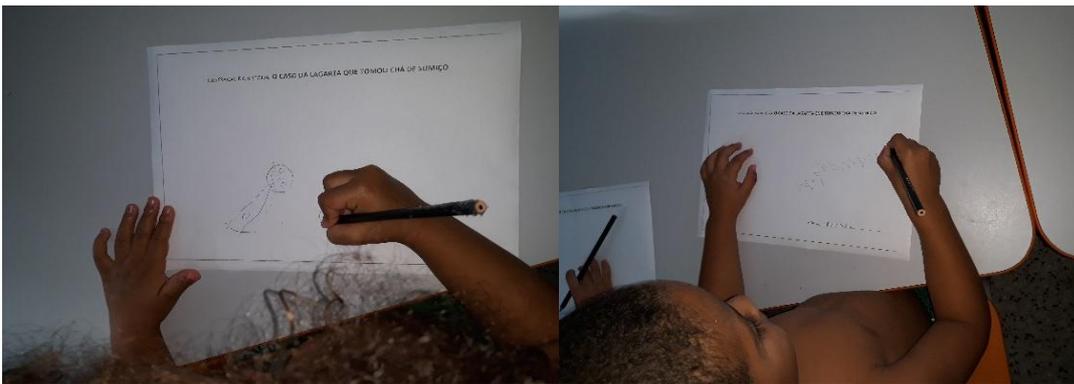
A partir destas informações dadas, instiguei as crianças sobre o que elas achavam que aquela história contava, considerando também as ilustrações das capas e muitas foram as respostas, mas a que mais se ouviu, foi que “seria a história da minhoca”. Posteriormente, expliquei que iríamos precisar de um silêncio bem grandão para ouvirmos a história. Li a história utilizando recursos como entonação diferentes para cada personagem, bem como uma canção que se repetia na apresentação de cada personagem novo que aparecia no enredo: *“Ô bicho tal você viu dona lagarta? É que ela sumiu do mapa, já perguntei pra bicho tal e bicho tal, e agora falta tu!”* Ao longo da contação, as crianças aprenderam a canção e passaram a cantar junto comigo, totalmente envolvidos na situação. No entanto, algo que foi bem difícil de conduzir, foi a curiosidade das crianças querendo ver as imagens do livro, interrompendo a leitura, mesmo eu mostrando cada imagem ao término de cada página. Expliquei que o livro iria passar pela roda, ao término da leitura, e, individualmente, todos poderiam visualizar tudo com mais tranquilidade. Finda a leitura, as crianças puderam manusear o livro livremente e observar detalhadamente cada cena.

Ainda na rodinha, conversamos informalmente sobre os acontecimentos da história e depois convidei-os para ouvir uma canção especial para relaxar. A canção, A LAGARTA E A BORBOLETA, cantada por Palavra Cantada. Foi colocada e todos ouviram atentamente, arriscaram cantar também e pediram para ouvir novamente algumas vezes mas expliquei que se desse tempo, ouviríamos no final da aula. Como conclusão deste momento, propus uma atividade individual de ilustração livre da história, em folha de papel ofício. Durante o momento da realização da atividade, devido o interesse das crianças para ouvir a canção

novamente, achei bem oportuno colocá-las para ouvir novamente enquanto realizavam os registros, tornando-se numa experiência incrível de relaxamento, empenho e concentração. Após este momento, seguimos a rotina com a troca de roupas, o jantar, o asseio e a organização para encerramento do dia e ida para casa.



Fotos 7 e 8: Momento em que estou na rodinha, contando a história às crianças.



Fotos 9 e 10: Momento da ilustração da história.

Na terça feira, 05/06/2018, depois do lanche, retomamos as atividades e para início de conversa, perguntei se alguém estava lembrado da história ou da música do dia anterior, ouvindo respostas como: “a história da minhoca”, “a minhoca era a borboleta”, entre outras que referenciavam sempre uma minhoca. Chamei a atenção de todos para uma novidade que havia trazido e apresentei um cartaz com a letra da canção cantada, *A lagarta e a borboleta*, que trazia algumas imagens temáticas. As crianças logo se aproximaram e fiz a leitura do cartaz, explicando, em seguida, que tratava-se da música cantada. Durante a leitura, dei muita

ênfase às onomatopeias ‘NHAC e FLAP’ e fiz toda a leitura de forma bem pausada, apontando com o dedo, cada palavra lida.

Depois, colocamos o som para ouvir a canção e fomos cantando e acompanhando a leitura com o dedo indicador no cartaz. Foi um momento muito envolvente e de muita participação das crianças. Logo, convidei uma criança para ler e cantar a canção junto ao cartaz. Praticamente todas quiseram fazer a leitura e cantar. Depois da canção, afixamos o cartaz na lousa e propusemos uma atividade de artes visuais que consistia na pintura de borboletas de papel e de lagartas feitas com caixa de ovos e palito de churrasco. Expliquei para cada criança como se deu o processo de confecção do material e demonstrei o passo a passo. Em seguida, deixei-as livres para escolher o que gostariam de pintar, se as borboletas ou as lagartas e dispus o material na mesa ao alcance de todos. Houve muita participação e empenho nesta atividade. As crianças adoram usar tintas, pinceis e participar de atividades como esta.

Baseada na experiência do dia anterior, achei, novamente, oportuno, colocar a canção bem baixinha enquanto as crianças realizavam suas pinturas, transformando este momento numa experiência bem mais rica e cheia de encantamento. Ao término das atividades, expliquei para as crianças que depois que a tinta secasse, iria guardar as produções para um momento surpresa no último dia de aula. Ao terminarem as pinturas, as crianças foram orientadas para lavarem seus pinceis e suas mãos e depois poderiam seguir para um breve momento de recreação livre, antes da finalização da rotina. As produções ficaram lindas, cheias de capricho, detalhes sendo possível ver expressões diversas.



Fotos 11 e 12: Momento da leitura do cartaz com a canção



Fotos 13 e 14: Atividade de pintura da borboleta e da lagarta.

Na quarta-feira, 06/06/2018, assim como nos dias anteriores, iniciamos a rotina após o lanche e abrimos o momento de atividades cantando a canção que estava sendo trabalhada, *A lagarta e a borboleta*. Em seguida, apresentamos um novo cartaz com a poesia *As Borboletas*, de Vinícius de Moraes, e fizemos a leitura pausada, enfatizando as cores das borboletas ali retratadas. O cartaz foi afixado na lousa, ao alcance das crianças e prosseguimos conversando sobre quem já viu alguma borboleta naquelas cores e que cores de borboletas achavam mais bonitas. Explicamos que cada borboleta, independente da cor, tem sua beleza e singularidade.

Depois disto, fizemos uma enquete sobre quais cores de borboletas preferiam, dispondo borboletas nas respectivas cores para que escolhessem e colassem no gráfico que foi apresentado posteriormente. Foi muito interessante ver a como cada criança, com muita autonomia e decisão, elegeram as predileções e permaneceram firmes em suas decisões até a conclusão da atividade. Apresentei o gráfico para eles, mostrei como seria a execução da atividade e houve muita expectativa ante o resultado das cores eleitas. Cada criança, de posse da borboleta escolhida na cor preferida, dirigia-se até a lousa, onde estava disposto o gráfico, e colavam sua borboleta, ansiosamente. Interessante eram os comentários e a apreensão sobre qual cor estava ganhando. Depois que todos colaram suas borboletas, fizemos a contagem e apresentamos o resultado.

Mais uma vez, frisamos a beleza e a singularidade de cada uma e o quanto devemos respeitar o gosto de cada um. Concluímos a atividade e seguimos como de costume, para as demais etapas de encerramento da rotina.



Foto 15: Colagem das borboletas no gráfico, conforme as cores prediletas.

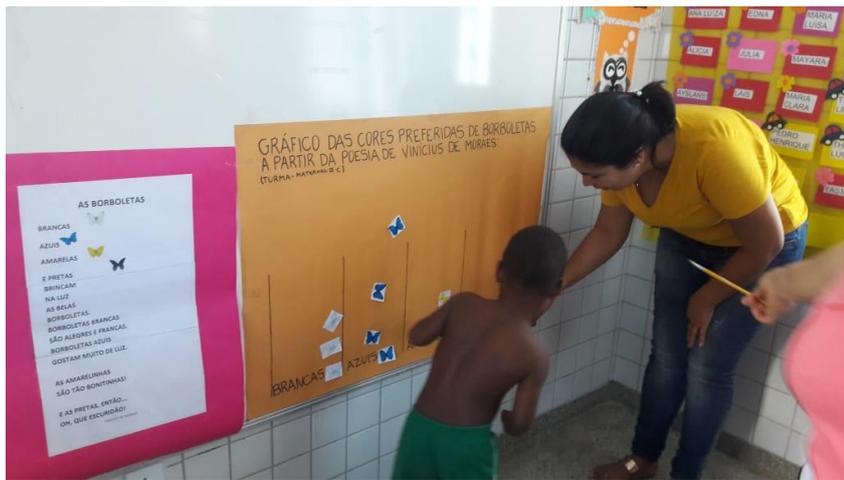


Foto16: Colagem das borboletas no gráfico, conforme as cores prediletas.

Na quinta feira, iniciamos o momento novamente com a canção em destaque e atraímos a atenção da turma com um quadro sequencial com as gravuras e dobraduras ilustrando as etapas sequenciais da metamorfose da borboleta: ovo, lagarta, casulo e borboleta. De modo que, retomamos a história contada no primeiro dia, para remontar a lógica do sumiço da lagarta, que na verdade, havia se transformado em uma borboleta depois de haver comido muito- ‘NHAC, NHAC’- conforme a onomatopeia cantada na canção. As crianças demonstraram compreender bem as etapas deste processo, muito embora, esta não fosse nossa preocupação primordial. Consideramos, ainda, o quanto é necessário cuidar dos jardins para atrair borboletas e preservar os espaços naturais de forma geral.

Em seguida, propusemos uma pintura livre do ciclo de vida da borboleta em folha individual xerocopiada. Neste momento, enquanto as crianças realizavam suas atividades, fomos agraciados com a visita surpresa de uma borboleta amarela que foi capturada por uma das professoras da instituição, colocada em um copo descartável e trazida para nossa sala. Foi

um momento rico, mágico, surpreendente e encantador, pois as crianças foram totalmente seduzidas pela surpresa e ficaram em volta para ver de perto. Deixei-as livres para vislumbrarem o momento, apreciamos o fato, exploramos ao máximo a situação e levamos as crianças para fora da sala para virem a borboleta ser solta novamente. Sem dúvida alguma, foi um fato inusitado que muito acrescentou aquele contexto, considerando que na creche em questão, não há jardim, nem plantas suficientes para atrair borboletas. Assim, aproveitamos para enfatizar esta questão. Findo este momento, trocamos as roupas das crianças, levamos para o jantar e depois houve a preparação para o encerramento da rotina.



Fotos 17 e 18: Apreciação da dobradura e das imagens com a ilustração do ciclo da borboleta e a realização da atividade de pintura temática.



Foto 19: Eu e as crianças apreciando a ilustre e inesperada visita, a borboleta amarela.



Foto 20: Momento em que conduzi as crianças para fora da sala para soltarmos a borboleta e virmos sua despedida.

Na sexta-feira, 08/06/2018, depois do lanche, conversamos rapidamente com a turma sobre as atividades desenvolvidas no curso da semana, lembrando cada momento e cada atividade desenvolvida. Assim, lembrei-lhes da terça-feira e da atividade de pintura das lagartas e das borboletas anunciando que havia finalizado em casa com a fixação de palitos de churrasquinho para a culminância do último momento. No caso, entreguei o material para cada um observar o produto final e sugeri que cantássemos novamente a canção temática da Lagarta e da Borboleta, desta vez, utilizando os personagens confeccionados. Foi um momento ímpar observar as crianças com a canção na ponta da língua, cantando, mimetizando sons, gestos e outras situações referentes ao contexto estudado. Depois de vivermos esta experiência na sala, conduzimos as crianças para uma sala de maternal I para compartilharem as experiências vividas, cantando a canção que embalou nossa proposta.

Combinei, antecipadamente, com as professoras da turma que iríamos visitá-los, para que eles fossem preparados e para não causar qualquer transtorno a rotina deles. Diante da turminha vizinha, não houve qualquer embaraço, destemidos, cantaram, dançaram e se expressaram através da canção, dos gestos e de alguns depoimentos voluntários sobre o que cada personagem significava. Os pequenos espectadores assistiam concentrados a apresentação da nossa turma. Depois disto, retornamos para sala de aula e nos despedimos da turma, explicando que nosso projeto havia se encerrado ali. A turma saiu para um breve momento de brincadeiras ao ar livre, mas fizeram questão de levar seus personagens para brincarem também. Por último, voltaram para sala para troca de roupas, seguida do jantar, do asseio e da conclusão da rotina.



Foto 21: As crianças cantando a canção temática, com a lagarta e a borboleta pintados por eles.



Foto 22: As crianças cantando a canção temática, com a lagarta e a borboleta pintados por eles.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as práticas de leitura na sala de Educação Infantil foi uma experiência rica, desafiadora e emocionante, consolidando-se numa vivência importante e mais que necessária para compreensão dos processos imbricados na aquisição da leitura, assim como no descortinar dos saberes e na formação da identidade dos pequenos. As situações observadas e experimentadas in loco nos deram uma dimensão da seriedade e compromisso que devem estar permeando todo processo e nos deram oportunidade de aliar teoria e prática nos fazendo refletir sobre a complexidade desse nível da educação básica.

Deste modo, pudemos sentir uma responsabilidade ainda maior quanto à seleção dos conhecimentos, ao planejamento e as metodologias utilizadas para se alcançar resultados específicos, além da preocupação com o tempo, na rotina de cuidados para que tudo ocorra de

maneira funcional e significativa para que as crianças sintam prazer e desejo de voltar no dia seguinte para a creche. Assim, é importante ressaltar sobre o quanto ficou evidenciada a necessidade de se ter um ambiente totalmente estruturado e direcionado para propiciar o desenvolvimento pleno das crianças, atentando para singularidade de cada uma.

Falando em singularidade, não dá para se esquecer, também, da diversidade sociocultural que deve ser contemplada, pensando em processos democráticos, não homogêneos que atendam às demandas ali representadas, isso porque sabemos que cada ação imbricada neste contexto, será responsável e estará refletida na vida, na formação e na maturação das identidades de cada sujeito ali assistido.

No que diz respeito à proposta pedagógica propriamente dita, concluímos que foi bastante relevante refletir, planejar e proporcionar momentos de leituras de gêneros distintos de forma simples, porém lúdicas, sabendo da importância que cada estrutura dessa exerce no amplo processo de ensino-aprendizagem.

Em suma, pensar, planejar ou oportunizar práticas de leitura em Educação Infantil nos convoca à responsabilidade e nos intima a repensar e ressignificar nossas propostas, considerando toda complexidade aqui já descrita ao mesmo tempo em que nos encanta quando nos deparamos com a expectativa, a reação, o vislumbre e o brilho no olhar de cada criança que sorri e se emociona quando é alcançada pelo desencadear destes processos, dando-nos a nobre sensação de êxito e de que estamos caminhando na direção certa.

6. REFERÊNCIAS

BORBA, Ângela M. **A brincadeira como experiência de cultura na Educação Infantil**. In: BRASIL/MEC – Revista Criança do Professor de educação infantil – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRANDÃO, Ana C.P. ROSA, Ester C.S. **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

_____. Soraya M.B.A. MELO, G.M.L.S. MOTA, M.S. **Ser criança**: repensando o lugar da criança na Educação Infantil. Campina Grande: EDUEPB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC 2ª versão. Brasília, DF, 2016.

_____. Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de cooperação técnica MEC/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/UFRGS,2009.

FULLGRAF, Jodete. WIGGERS, Verena. **Projetos e práticas pedagógicas**: na creche e na pré-escola. Brasília: Liber Livro,2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Coletânea de Textos Didáticos: Curso de Pedagogia [Campina Grande], PB, 2012. 147 a 199 p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Coletânea de Textos Didáticos: Curso de Pedagogia [Campina Grande], PB, 2013. 163 a 204 p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Coletânea de Textos Didáticos: Curso de Pedagogia [Campina Grande], PB, 2013. 09 a 25 p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Coletânea de Textos Didáticos: Curso de Pedagogia [Campina Grande], PB, 2013. 27a 40 p.

UNIVESP.Currículo: Trajetória de Formação. São Paulo, 22de março 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Jm-goffUPSc> > ; acesso em 17 de fevereiro de 2017.

VASCONCELLOS, C. S. Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 5ª ed. São Paulo: Libertad, 2004.